

HIRAM

ORGÃO DA AUG. RESP.: LOL: REGENERACÃO CATHARINENSE

RESPEITO MUTUO E LIBERDADE
DE CONSCIÊNCIA

Redactores Diversos

LIBERDADE, IGUALDADE E
FRATERNIDADE

ANNO I

NUM. I

SANTA CATARINA-BRAZIL

Florianópolis, 1 de Agosto de 1881 (G. V.)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ASSIGNATURAS

Anno.	80000
Semestre	40000
Nun ére avulso.	5000

NOSSO CREDO

Ardua e pernecissima é sem dúvida a missão nossa, n'este Estado, onde as lutas políticas separaram em edios profundos a família humana, e como forças oppostas impedem o progresso, que é a resultante da ação combinada de todos os elementos productores; mas a Maçonaria, que representa o Coração da Humanidade, é de tempos imemoriais as grandes conexões, tem de estabelecer os laços da fraternidade, pugnando pela Liberdade, Justiça, Ordem, Verdade, Scienzia, Leie e Cidadade.

Quer a luta contra os elementos inferiores, que impedem a consciência humana de pensar livremente, mas combate com a Verdade, com a Scienzia e não com as flâmas e palavras sem gênero. Não quer a luta física do homem contra o homem, vulgarmente chamada guerra, p'que traz o exterminio de seres humanos, o luto, a orphandade, a miseria, e a dor. Quer a luta intelectual, a luta moral, porque na luta intelectual o pensamento se ilustra e se aperfeiçoa, a inteligencia se dignifica e se enobrece e engenho se sagra e se importancia. Quer a luta moral, porque a Moral é a base do sumptuoso Templo da Sociedade humana, e sem este oxigénio, que vivifica o organismo social, a Sociedade a semelhança dos corpos inanimados, se desorganiza e transformar-se-a num amontoado de corpos, vagando pela superficie da terra, sem bussula, sem aspiração, a não ser os instintos puramente animaes.

A Maçonaria não admite em seu seio homens que não tenham moral, que não sejam livres, porque reconhece que a Moral e a Liberdade são as duas columnas, que susten-

tam o grande Templo da Civilização.

Etymologicamente maçonaria significa ligar pedras, eis a Instituição, cuja origem perde-se na noite dos tempos idos, reconhecendo que a Voz e a Fé, de que é hissor, que mantém em equilíbrio a Sociedade, é na gáve a piedade iniciada pelo coração, essa pedra moral, peia qual o homem se distingue dos demais animais.

Ei! a Maçonaria que construiu o grande Templo da Civilização e as pedras simbolicas que empregou na construção desse sumptuoso monumento foram os homens, de consciências pujas e moralizadas, ligados todos pelo elemento da fraternidade, esse elo suíl meq' que prende a todos, feito de magna Instituição.

Hiram, celebre arquitecto, e um dos fundadores da nossa sublimíssima ordem, foi o mestre do Templo, ergo, em Jeus, len, e na arena desse Templo, e h'c ai duas eunhas uma representando a Força e outra a Beleza.

Sínibus ou lassos, columnas e Mão e a Liberdade.

Moral é umadas forças e ciências, a força vital que nutrem os diversos elementos componentes da ordem humana social, no movimento, atulmemente acelerado, entre os pontos n'tave s' da curva da evolução social.

A liberdade é o Sol deslumbrante que banha todas as sociedades, é um céano de luz e calor, que faz o condicione indispensável para a vida assim li mben a Liberdade é a luz da Civilização.

Hiram é o nome do orgão que hoje, modestamente se apresenta na arena jornalística de Florianópolis, e praça a Deus, que consiga transformar esta capital num Templo, que reponha nas duas columnas Moral e Liberdade.

Guerrearemos o vicio, a superstição, o erro, finalmente o que for de encontro a Scienzia, a Família, a Sociedade, a Patria e à Humanidade.

Em nossas columnas terão agazinhar todas as ideias nobres e serão fustigados os despotas, os tyranos e os inimigos da Lei.

A verdade ha de transparecer, em

nossos columnas, euse o que custei, porque só pautamos os nossos actos pela Justiça, que é a supremo garantia da Lei e esta de todos os direitos.

A Bandeira esfarrapada

Ei! a Covoreda na Capital do Estado de Santa Catharina! Eis! a demonstrar que não tremula somente nos carcomidos muros dos palacios de Vençalhá!

Beadeira esfarrapada, eu té scudo! Seude-te como saudaria o querido povo! da minha Patria, quando, trubérm em farrapos, voltou dos campos deatalha! Saúdo-te como saudaria a estrelada bandeira da Republica, quando, ao regressar dos desfiladeiros, ao Canudos, trazia por estrelas os buregos feitos pelas balas dos fanatics jingones! Saúdo-te em tua relquia santa, saúdo-te sim, paix' os teus farrapos offuscando bilhão dos mais ricos estofos, porque elles atestam as guerras, que d'aver os séculos tens sustentado entre os teus covardes inimigos.

Chamamente troncante de esfarrapada, mis mis, disseram que a tua simbola ergue-se o desprotegido das sotias, q' com os teus farrapos veste-se a foroplindade! Não disseram que em teus farrapos trilha o sagrado lemnus—Liberdade, Igualdade, Fraternidade! Este lemnus que constitui o supremo ideal de todo o homem livre e anigo-do Progresso! Não disseram q' nunca acobe taste unha infânia, que não tem a cor negra desa culta bandeira feita de seda, porém de seda negra, negra como a maldicione que só é arrependida nas trevas, no passo que os teus farrapos ostentarem em plena luz! Não disseram, q' te chamarem de esfarrapada, que Jamais foste ensopada, nem era aqu'a bandeira de seda, no sanguine é nas lagrimas de milhares de victimas!

Mil vezes esfarrapada, como tu, pelo não do tempo, que tudo desatre, do que chumuscada pelas foguetas da Inquisição!

Esse, que te chamou de esfarrapada, errou ao dizer que tremulava-

unicamente por sobre os carcomidos muros dos palácios de Veneza... Não tu tens por base um mais sólido alicerce e esse alicerce, preparado com o sangue dos teus martyres, chama-se Universo!

Essa outra bandeira de sedi negra... sim tremula sobre os muros encravados do palácio de Roma, dessa segunda bastilha que tem por nome—Vaticano, onde o decrepito papa estotice-se nas convulsões da morte.

Essa bandeira tende a desaparecer, ao passo que tu, feita de farpas, renascerás resplandecente, alumiano, qual facho luminoso a estrada do progresso, é a tua sombra, oh! bandeira estampada da Francemasonaria, bandeira da liberdade, da humanidade desencarará, unida pelos laços indestrutíveis da fraternidade universal!

A:

OR ROMANISMO E A MAÇONARIA

A Maçomaria tem a sua filosofia e esta é a natural, que está mais de acordo com a organização física do homem e a organização moral da Sociedade.

Muitas têm sido as religiões e seitas que têm surgido na superfície do nosso Planeta, cada qual supondo-se a mais inspirada e verdadeira, cada qual a mais proxima de Deus, entretanto todos têm desaparecido deixando apenas uma pallida história da sua passagem. A religião cristã, cuje relevantes serviços prestou à humanidade, no seu inicio, veio se modificando, com o passar dos séculos, e hoje está completamente transformada do seu tipo primitivo.

O romanismo, que por muitos seculos, dirigiu os destinos dos povos, algemando as intelligencias que procuravam voar, além do limite traçado, pelo Summo pontífice, nada mais fez, durante o seu domínio, do que retardar o movimento industrial.

Foi a partir do séc. 15 que as duas forças aliadas, a intelectual e a industrial começaram a se manifestar publicamente, porque o papado era tão potente já para impedir a corrente emancipadora, que se manifestava pelas duas forças, que agiam na mesma direção e cuja resultante seria forçosamente o Progreso.

A Scienzia, que veio de remotas eras, organizada em bases solidas e positivas, teve que permanecer, por muitos séculos, estacionária, porque o romanismo, como o abutre negro e voraz destruía completamente todo e qualquer tentamen dos martyres da Scienzia, que eram logo arremessados às fogueiras, com suas herezias.

Permaneceu assim asociedade humana, durante muito tempo, em ver-

dadeiro estado de incêncio, chegando mesmo a retrogradar para o sentimento, a intelligencia e a actividade achavam-se presos, no círculo de ferro, fabricado pelo jesuitismo.

Todos os bons elementos e impo- nentes da então sociedade não podiam transpor aquelles limites sob pena de serem imediatamente atirados as fogueiras da santa inquisição. Era este o estado animal da sociedade agonizante, quando a Maçomaria exultou caput et tot, como o cavaleiro nobre, dar combate os jesuítas, que acastelhavam o hypocrisia, foram perdendo palmo a palmo o reino, até então conquistado, hoje estão reduzidos a umha pequena área, sem força, desmobilizados, tendo apenas por sectari s os inimigos da Scienzia e do Progresso.

O romanismo justificava de prega a verdade na religião de Christo; mas a vida de Christo foi completamente diferente da vida que levava amilmente o singido representante de S. Pedro. Christo era humilde, justo, era o verdadeiro exemplo da M. A. L. da Caridade, condenava o luxo, o orgulho, a vaidade, o celibato, a adoração que não fosse dirigida a Deus, e o romanismo diz que o luxo é a condição indispensável para se ganhar o reino do céo, que o celibato é o melhor caminho para chegar-se a premayenturança, que a mãe de família deve abandonar o lar e entregar-se de corpo e alma as missas, as procissões, as confissões, finalmente a todas as festas que diariamente fazem nas igrejas e manas, para extorquir dinheiro para Sua Santidão.

Scientificamente falando, o romanismo nenhum valor tem e deve ser eliminado do seio das nações cultas, como sendo prejudicial ao progresso-povo, porque a sua base repousa no aniquilamento da raça humana, pois aconselha o celibato. É um fato matemático e evidente, que si cada casal produzir somente dois filhos a raça humana permanecerá estacionária, pois que desaparecendo o par gerador ficam os filhos, que preenchem os logares dos pais. Para que a raça humana progreda é preciso que cada casal produza no mínimo três filhos.

E esta é a teoria mais racional possível. Supponhamos que o romanismo chegasse a dominar completamente todos os seres humanos, isto é, que todos os homens si compenetrassem intimamente das suas teorias, daí se ia o seguinte:

O elemento feminino escolheria para esposo Jesus-Christo e iria para os conventos e o elemento masculino, ciliciando as carnes, enfraquecendo o organismo, até ficar subjectivamente dominado pelas teorias romanas, habitaria os conventos, a maneira dos frades, e assim desapareceria, por completo, a sociedade hu-

mana e a nossa raça eliminar-se-ia dentro de um século e alguns annos.

Analysemos ainda o romanismo sob o ponto de vista das Sciencias, isto é, dos phenomenos de qualquer ordem, hoje plenamente conhecidos pelas Sciencias positivas, como a eletricidade, o calor, a luz, o movimento da terra, o magnetismo e tantos outros de que se serviam e se servem ainda os padres romanos para intimidar os ignorantes. Sob o ponto de vista das Sciencias, a religião romana está condenada, porque não dispõe de elementos para explicar certos phenomenos e vai atribuindo tudo a Deus, como si Deus fosse um anarchista que andasse, dando por pais e por pedras.

Analysemos agora o romanismo, como força social, e comecemos pela physica ou material, e vejamos qual a sua influencia no meio social. Sob o ponto de vista physico é plenamente conhecido, pôs todos, que folhearam a Historia, sabem que foram os jesuítas os principais inimigos da Scienzia e industria tutto devendo a Scienzia, pois foi ella que resolveu os grandes problemas e inventou as grandes máquinas, que, em todos os angulos do globo terrestre, sustam o poder do homem. Quando o papa exercia o domínio sobre todos os reis e imperadores e que o feudalismo invadiu a Europa, o romanismo nada mais fazia do que provocar guerras, ou então deixar que as lucras se fizessem entre nações diversas, afastando homens da industria e levando-os ao exterminio.

Estando no apogeo do poder o que vimos foi a vaseante da civilisacão invadir a Europa, levando a morte a todas as nações que procuravam se organizar em bases solidas.

Foi, como já dissemos, a partir do séc. 15 que a força intelectual ao lado da industrial e mecanica a agitaram e com tanta felicidade, que puderam esphacelar o trono do papado, que estendia-se quasi por todos os angulos da terra, e de reducção em reducção, hoje o vemos unicamente no Vaticano, tendo, como porta-voz, alguns sacerdotes espalhados pelas cinco partes do globo terrestre.

T. C.

(Continua)

A MAÇONARIA

Logo ao nascer da benefica instituição maçonica, inauguraram contra elle os padres da Igreja. R-mana tremenda campanha, incruenta embora, nessas epochas remotas, do obscurantismo; e, o que é de admirar, ainda ha pouco entre nós, neste séc. da civilisacão, chamado das luzes, nova tentativa della foi posta em evidencia, felizmente sem resul-

tado, ao organizar-se a loja existente nesta cidade.

Entretanto, a maçonaria não é contraria nem offensiva a religião alguma, que seja o símbolo da moral e da caridade; ao contrário, adopta todas, nessas condições, desde que em seu seio dê ingresso aos que as progressam, tendo para isso as qualidades moraes indispensáveis.

E, o que sobre tudo mais a enaltece aos olhos dos povos cultos, é ella symbolizar, ou antes exercer a principal de todas as religiões—a da caridade.

O que a instituição maçônica não adopta, antes condena, é a religião do jesuitismo.

Foi do seio das sociedades mais cultas e humanitárias que surgiram, audazes, energicos, dispostos a todos os sacrifícios, os primeiros organizadores da instituição maçônica, justamente por amor das doutrinas pregadas por Jesus Christo.

E o fizeram ainda para salvar a humanidade das fúgeias da inquisição, em que eram lançadas, em nome de Deus (.), as criaturas bondosas e pueras, cujo *único crime* era a prática do bem, de par com o seu repúdio pelos inquisidores assustados.

Então físsesse arranjado esse rasgo de adiada e longevidade; não fosse a disposição, nem menos audaciosa, do grande Marquez de Pimbal; não fosse, enfim, a temeridade de grandes escriptores, de grandes sabios, perseguidos pelos pedres inquisidores da velha Roma; não fosse, é uma palavra, a de osa influencia da Maçonaria, dissolvida, nesse tempo, por toda a parte da velha Europa, e hoje em teda a America, — e ainda hoje a humanidade se sentiu ameaçada de morte inquisitorial, porque ainda hoje ella estaria sob o domínio da Igreja Romana.

A maçonaria, pois, físsese sempre instituição mais benfica, mais humanitária, que jamais se organizou no orbe terrestre, com raizes tão fundas e seivas, — porque ella só pratica o bem— a Caridade.

Ninguém contesta, ainda assus suas virtudes, os benefícios que tem feito e fará, a sua utilidade social e religiosa; e ainda até hoje não saiu della um só de seus associados mal-dizendo a hora em que se lhe associou. Ao contrario, isto que a elle se associou, os que lhe conhecem os fins beneficos, consubstanciados no amor aos principios da fraternidade, no amparo da família, na religião da humanidade, cobrem-n'a de benções, adoram-n'a e fazem votos ardentes pela progressão dela, que é, felizmente, cada dia mais evidentemente constatada.

O que a maçonaria não é, nem pode ser, é escopo do jesuitismo; e por isso é que a combatem os falsos sacerdotes de Jesus Christo,—esses

que fazem das suas doutrinas d'Elas um balcão.

E como ella tem a sua base solida e a sua origem secunda na moral imóredicida que se propagueiam a luta, a peito deserto berto, pelo exterminio desses alzozes da humildade, estes apedrejam-n'a, engri dem-n'a no intuito, perverso, de a matarem.

Não o conseguiram.

SOCRATES

DANTAS DA GAMA

Faleceu em Porto Alegre o Pcd. Ir. Dantas da Gama, um dos organismos da M., e breiro dedicado à Aug. Resp. Lej. Cap. Regeneração, daquelle Or.

Era um homem recto e de carácter de exerce plenamente de famílias e prestigiado cidadão.

Envia-se pezão da sua exma. família e seu estimado filho e nesc. Ir. Ramir Gama.

A sua morte deu lugar a um incidente, que teria consequências tristes, se não fosse a calma e prática de Ven. da Gr. Lej. Estadual, Emílio Ferreira.

Abaixo transcrevemos a notícia dada pelo «Correio do Povo», e por allas nossas leitores avaliarão o sentido que predomina na classe sacerdotal do nosso paiz.

Agem, pedimos a nossos Irmãos do Or. que não formem armas nosse, e imigris e não subscrevam um real para o patrício do aranjo do bispo, que para infelidade de desto povo só quer crear, neste Estado.

Eis a notícia transcrita do «Correio do Povo», de 21 de Julho findo:

Conforme nosclararam em nossa edição de hontem o corpo do infeliz falecido cidadão Antônio José Dantas da Gama foi transportado da loja maçônica Regeneração para a casa de residência, cuja sala ficou transformada em capela ardente.

Durante a noite, a casa esteve cheia de pessoas, representantes de todas as classes sociaes.

O fóro da capital, logo pela manhã ao saber da luctuosa noticia, abriu uma subscrição, para a compra de uma rica coroa, e cerraram suas portas os cartórios da capital.

A subscrição do fóro alcançou somma superior a necessaria para a compra da coroa, e, por esse motivo a comissão encarregada da sua aquisição, entregou a quantia excedente a pessoa da intimidade da família, para que esta desse ao dinheiro o destino que entendesse.

As 31/2 horas da tarde, apesar da copiosa chuva que então caia, era enorme a affluencia de pessoas à casa de residência da familia do morto. Mémentos antes de ser retirado o corpo ali compareceu o sachristão-mór da cathedral, sr. João Baptista Granja, que deu conhecimento, a pessoa encerrada do entero, de que, por ordem superior, o corpo não podia ser encomendado na igreja. E o sachristão-mór apresentou uma carta que a respeito lhe fôra dirigida pelo cura da cathedral, revd. conego Marcellino.

Esse sacerdote ordenava ao sachristão que, sem perda de tempo, priscasse a família do falecido Dantas da Gama, e lhe scientificasse de que, por ordem da primeira autoridade ecclasiastica, não podia ser realizada a encernação religiosa.

Lida a carta, em presença de todas as pessoas que enchiham a sala mortuária, onde se via a imagem de Christo, ladeada de cirios, a maioria dos presentes foi de opinião que, apesar da proibição, o corpo devia ser conduzido para a igreja afim de se repelir, por qualquer forma, as pretensões dos representantes do bispo diocesano.

Houve até quem lembrasse o alivio de se obrigar o próprio bispo de fazer a encernação.

Felizmente, o sr. Emílio da Silva Ferreira, cromo chefe da Grande Loja do Estado, conseguiu conter os animos exaltados.

A sua opinião foi vencedora: entendia elle que a maçonaria não devia provocar um conflito com a autoridade eclesiastica.

O bispo não queria que se fizesse uma encernação religiosa segundo as creences do falecido, de sua familia e de quasi todos os maçons. Pois se dispensasse essa formalidade, e se fizesse de acordo com o ritual maçônico.

Essa deliberação foi aceita, e, apesar da chuva, que não cessava de cair, foi o corpo conduzido, a mão, até a Igreja Regeneração, onde se procedeu, com toda a solemnidade a encernação. Sobre o feretro, viam-se as seguintes coroas: Saudades de sua esposa e filhos; Homenagem do fóro de Porto Alegre; Cartorio Telles; Saudades dos compadres Gestas; Idem do seu afilhado Leopoldo; Do amigo e comadre Jesé Bastos e sua mãe; Da Benem.; Luz e Ordem do Oriente do Brazil; Do compadre Rufino Soares; Homenagem da Gr. Loj. Estadual; Lembrança da Orientação.

Presidia a solemnidade o sr. Emílio da Silva Ferreira. Quasi ao findar a cerimonia, penetrou no templo o sr. Ramiro Gama, filho do falecido, e que, naquele momento, havia chegado de S. Sebastião do Cahy, para onde seguira ante-hontem, tendo sido chamado urgentemente a esta capital.

Ao ser dada a palavra ao orador da Igreja, sr. Israel Rangel, para proceder ao elogio funebre do morto, esse moço com a voz embargada pela comemoção pediu para declinar da leitura na pessoa do dr. Adriano Ribeiro.

Concedida a devida venia o dr. Adriano fez a apologia do morto, já como maçom, já como homem público.

O orador referiu-se ao incidente entre a maçonaria e o bispo, cízendo que, perante o cadáver de Dantas da Gama, a instituição aceitava a lúva que lhe fora lancada pelo bispo desta diocese.

E, assim, o caixão que encerrava os despojos de Dantas da Gama, e que se achava coberto de coras, foi conduzido à mitra até a praça do Portão, não o sôndo até o cemiterio pelo adiantado da hora.

O enterro esteve eminentemente concorrido.

No longo presbitório viam-se todas as altas dignidades da iniciataria, tanto do Oriente do Brasil, como do Oriente do Rio Grande, comissões de todas as lojas, juizes, advogados, funcionários da fôrça, etc.

A proibição decretada pelo sr. dr. Claudio causou pessima impressão, por ser ella uma negação formal da religião de que é elle, no Estado, o mais alto representante; e que prega como dogmas os grandes princípios do amor, da cordialidade, da fraternidade e do perdão.

O PORQUE

Não somos inimigos dos padres, nem tão pouco de qualquer religião, pois em nosso seio existem sacerdotes de todas.

Combatemos unicamente os padres retrogados, aquelles que não querem aceitar os resultados científicos, aquelles que agarriados nas velhas e caducadas doutrinas não querem a civilização e impedem as sociedades, ainda não organizadas em bases sólidas, de aceitar o progresso e de pensar conforme as regras estatuidas pelo direito natural dos povos.

Combatemos o jesuitismo, porque é este o elemento mais prejudicial à sociedade, é uma verdadeira parazita social que vai sugando diariamente a seiva vital da família humana, até transformá-la num cadáver moral.

Um sistema qualquer não pode ser formado sínodo de elementos semelhantes a elle e menores. Segundo este princípio philosophico, vemos que uma sociedade organizada sobre as bases estabelecidas pelos jesuítas, seria uma sociedade hypocrita e moralmente morta, deixaria de ser sociedade humana para ser simplesmente uma sociedade animal.

Não queremos a religião chãstia, pelo contrário, defendem-lhe e acha-nos n'esso que a religião é tão necessária à sociedade, como a luz à vida, apenas queremos aquelles que vedam a pele de cordeiros e são verdadeiros lobos, que desmoralizam a verdadeira religião e transformando o Altar num balcão.

Nada existe de mais sublime d'que o sentimento, por que é por ele que o homem se distingue das animais e é esta força de que nascem todas as ideias grandiosas que recebem os esclarecimentos da inteligência e são sancionadas pela nobreza.

O homem pertence pelo sentimento a uma Família, tem inteligência a uma Igreja e pela ação, a uma Pátria.

Habilisimos os padres acribillados, que poderiam ser o sentimento da família extinguindo a morte, encarceraram inteligência e alegria na actividade, de modo que o sistema geral composto de elementos iguais e semelhantes a elle, era acomodante uma sociedade sem moral, sem vida e sem progresso.

Si não houvessem transformado completamente a religião divina de Christo, si não explorassem o sentimento da família, para usurpar vantagens materiais, não seriam os seus inimigos, como nós, os somos das religiões diversas, que existem no nosso meio social e que melhor orientadas do que o romanismo, procuram estudar os diversos pormenores científicos para explicá-los a seus adeptos.

Não queremos o positivismo, o espiritualismo, o protestantismo e christianismo e não estamos de todo de acordo e agimos no mesmo sentido, porque todos trabalham pelo bem estar da humanidade, procurando estudar a philosophia e as sciencias positivas, para orientar aqueles que vem tomar assento em nossas bancadas.

O romanismo a todos odeia, a todos amaldiçoa, mas não dispõe de preparo suficiente para a luta intellectual, varilancando, no fog do invertido inferno, todas essas almas nostre.

O romanismo é uma espécie desses homens atraçados, que julga que os demais estão errados e que só elle conhece tudo, porque está com Deus, e Deus lhe abre o cérebro e lhe introduz na massa cíntenta e das as sciencias e todas as verdades.

O resto da humanidade que não aceita a sua estulta infalibilidade papal labora em erro crasso, este está amaldiçoadão pelo seu deus. Autem quatenus intelligit nihil putat permitsum.

NOTICIARIO

Faleceu em S. Paulo, o conhecido filólogo Santos Saraiá, professor notável pela sua vasta erudição.

Foi sacerdote da Igreja romana e após longa meditação da leitura da bíblia, deixou o sacerdócio para se dedicar exclusivamente ao magistério (do Paiz).

Sempre sucede assim, a proposta que se ilustram, reconhecem que laboram em profundo erro e abandoram o romanismo.

Guarda leito o nosso preso Ir. Virgílio José da Costa, fazem os votos pelo seu completar e pronta restabelecimento.

Seguiu para Lages, a negociação comércio, o nosso Ven. Francisco Campos da Fonseca. Lá boas deejarmos-lhe bom éxito e que breve regresso ao nosso seio.

As nossas sessões são as quartas e sábados, começam as 6 h 2 da tarde.

Toda e qualquer correspondência deve ser dirigida a Livraria Moderna de Paschoel Simone, rua da República n.º 8.

Acha-se dirigindo os trabalhos da nossa Off. o Pd. Ir. Alechiades Cabral.

Victoria do anarchism, faleceu em Monza, na noite de 21, o rei da Itália Umberto I.

Era um político notável e o chefe do Estado, um dos primeiros da Europa. A triste notícia veio encorajando de profundo pesar a todos os corações amantes da Ordem.

E mais uma vítima ceifada pelo elemento da destruição, está no infernal, que vai se propagando sorrateiramente na Europa e não tardará a atingir as nossas plagas.

A colónia italiana e ao alto povo que lamenta a perda irreparável do seu grande Estadista, os maçons deste Ir., envidam sentidas condolencias.

Os artigos dos nossos Ir., Jesuino Camarão e Arruda Camera, que deixaram de ser publicados, por falta de espaço, sahirão no proximo numero.

Está encatregado da direcção do nosso Jornal, o Orad. da Off. Tobias Coelho.